

# Um Vôo Bem Sucedido

GENARO DE VASCONCELOS

Conta-nos Henri Bremond (*Plegaria y Poesia*) que Manzoni quis saber porque Shakespeare é maior poeta que Racine e, ele mesmo, chegou à conclusão de que em W.S. *piu si va in fondo al cuore*, Shakespeare é mais constantemente e com mais intensidade o poeta do eu profundo.

Ai do poeta, pobre do poeta, se não se vê como um ser jogado na Terra, às voltas com as suas angústias, o seu destino, a sua finitude, sua fé e sua descrença, seu desespero e sua esperança! Será apenas um alinhador de palavras, um fabricante de versos.

Desse mal não padece Darcy França Denófrío, neste seu livro *Vôo Cego*, edição da Universidade Federal de Goiás, 1980. Logo no primeiro poema (pag. 13), diz:

Mal cheguei  
e já estou de regresso.  
A volta começou  
no dia da chegada.

Mal cheguei  
e já começa  
a contagem regressiva.

Isso nos faz lembrar a filosofia trágica de Martin Heidegger: mal nascemos, começamos a envelhecer, a marchar para a morte. Nossa presença no mundo é uma vivência que não se completa. A existência, para o "ser-no-mundo", é uma busca, um eterno descobrimento, uma incessante procura "do que se acha à mão". O mundo da existência, para Heidegger, é um "Comundo". Vivemos atormentados por uma espécie de velocino de ouro: a realidade transubjetiva. Queremos estar em nós mesmos e nos outros, através do endopatia. A morte é o nosso devir e, como temos consciência disso, a angústia nos avassala o espírito. Estamos a morrer a cada instante. E na Terra não há lugar a esperança....

Outro verso, no mesmo poema, pode ser destacado: "Não conheço o meu horizonte". Nessa constatação talvez esteja o desejo de fuga, a busca de espaço, a secreta, subjacente intensão da autora de quebrar, romper as amarras, a mordaca, as grades, os muros, a clausura, o círculo vicioso, o abismo e o cárcere do tempo, da memória, da imaginação e de tudo o mais que a oprime: **Disperato dolor che' cor mi preme**, como diria Dante.

Outro bom poema é — "Duro Muro-", que nos fala de grades invisíveis; e também "Fundo do Poço-", em que a autora afirma: Eu não sou estes braços, nem estas mãos inertes ou este corpo pesado

"Não sou este corpo, / nem este rosto", diz ela, mas sim os seus próprios abismos, ou seja, a sua inquietude, o seu desejo de fuga, sua ânsia de espaços.

Em "Autódromo-", deparamo-nos com a grande questão ao Metafísica: de onde viemos e para onde vamos? Talvez tenha faltado à autora - seja-me permitido dizer - um pouco mais de profundidade no tratamento do tema; todavia o poema vale como um todo, um brado como o de Rilke na Primeira Elegia de Duino: "Quem se eu gritasse, entre os Anjos me ouviria?"

"Além Rosto-", "Enigma-" e "Razão de Ser-" são também bons e belos poemas. "Interrogação-" encerra a primeira parte do livro, que me pareceu brilhante. Se não houvesse mais a comentar, destacando-lhe as qualidades, Darcy França Denófrío já se fez merecedora, em "Canto-Via", da minha admiração seja pelos seus versos agradáveis e bem feitos, de modo geral - seja pela preocupação metafísica que demons-

DARCY FRANÇA DENÓFRIO



## VÔO CEGO



Editado pela Editora da Universidade Federal de Goiás o livro VOO CEGO de Darcy França Denófrío tem capa de Maria Guilhermina, prefácio de Gilberto Mendonça Teles

tra a presença de um intelectual voltado para os grandes problemas do Ser e do Mundo. Isso a enobrece.

Vamos à segunda parte do livro, "Fio-Navalha", que se compõe de oito poemas. Gilberto Mendonça Teles, professor universitário e também poeta de altos méritos, no Prefácio ("A Poesia do Hifen") da presente coletânea expõe com rara competência o significado - nem sempre perceptível à primeira vista - daquele sinal gráfico (o hífen) e da **imagens polares** que se vêem, a mancheias, em quase todos os trabalhos de "Vôo Cego". Não vou me meter nesse terreno, já aclarado, com brilho, por Gilberto.

Eu diria que nessa parte, como nas duas subsequentes, autora se mostra essencialmente lírica, com seu ponto alto em "Busca-":

Esta noite  
vaguei por ai,  
na busca incessante  
de uns retalhos de mim...

Mas não encontrei  
uns pedaços de mim mesma,  
que sangravam,  
e que duíam.

"Fábula de Cristal" e "Represa-" pareceram-me herméticos, tanto quanto se pode compreender da afirmativa de que "Há uma pedra presa, represa na garganta", como naquele outro verso de Drummond, de que "Havia uma pedra no melo do caminho".

Horácio, na Roma do imperador Augusto, já previa a criação de uma linguagem especial para os poetas. Isso vem sendo tentado e de certo modo realizado através dos tempos, mas o grande problema é não transformar essa linguagem especial num quebra-cabeça, uma logomaquia cujo sentido só pode ser alcançado por alguns iniciados.

A Terceira parte, "Canto-Chão", começa com um "Prece-" em que a autora dá graças ao Senhor "pela glória de ser" e termina as suas súplicas: "Que eu saiba / visitar meu sótão / e estar em paz / com os meus guardados."

— Questionamento — é feito em tom interrogativo, transferindo-se ao leitor as dúvidas, o espanto e as incertezas da autora; mas o melhor poema dessa parte é "Busca-" (pag.42), em que Darcy França Denófrío volta aos temas anteriores, da primeira parte: a procura de um caminho, uma vereda:



Darcy França Denófrío acaba de lançar seu primeiro livro de poemas VOO CEGO que, segundo Gilberto Mendonça Teles "é todo um ritual de iniciação e metamorfose".

uma saída para o seu desencontro, a sua angústia existencial.

Para Heidegger, o caminho até o ser é iniludível; o caminho até o nada é inacessível; e o caminho até a aparência (do ser) é sempre acessível e transitado, mas iludível. "Por isso" diz ele - "o homem verdadeiramente sábio não é aquele que persegue as cegas uma verdade, mas que conhece esses três caminhos: o do ser, o do não-ser e o da aparência" Heidegger foi encontrar, na "Antígona", de Sófocles, o exemplo de sua concepção do homem como um ser pavoroso. Outro poeta - Holderlin - também influenciou o filósofo existencialista alemão.

A quarta e última parte do livro - "De tudo, um pouco" - encerra também bons poemas, como "Liberação-":

Dentro de mim,  
dorme um simio acorrentado  
com os seus pesadelos.

Um homem das cavernas  
que, súbito, acorda aterrado  
na engrenagem contra-tempo.

Que enlouquece nas armadilhas -  
laços onde ele (passaro)  
um dia pôs o pé.

Que às vezes quebra  
as barras da angústia  
de sua própria cadeia  
e salta em pânico  
pelas selvas deste mundo.

Encerra o livro o poema "Limite-", que nos diz que cada coisa vem a seu tempo e que há um tempo que flui sem cessar, passando por nós e fechando-nos com suas grades invisíveis. Ficamos presos a essa contingência e estamos sos dentro de nós mesmos. Esse confinamento é que nos faz filósofos, poetas, contestadores e até mesmo - pessoas inclinadas a violência.

Felizmente, no caso da autora, ela se afez poeta, poeta-filósofo, como Rilke, Fernando Pessoa e tantos outros, dotada de invejável lastro de inspiração, como acentuou, em seu brilhante Parecer, Mons. Primo Vieira.

Esse livro, que me veio às mãos por gentileza do Coordenador da Editora da UFG, merecia mesmo ser editado. De parabéns a Editora da Universidade Federal de Goiás e todos os que contribuíram para o lançamento de *Vôo Cego*. Uma bela edição muito bem cuidada.